

O CasAumento

João Pedro Domingos

J.P Domingos

2021

Personagens

André Simão, o noivo

Antónia Manuel, a noiva

Senhor Inácio, o pai da noiva

Senhora Joana, mãe da noiva

Dona Teresa, tia da noiva

Dona Minga, mãe do noivo

Sani, ex mulher do noivo

Paulinho, primo do noivo

Beto, o policial e padrasto da noiva

Ana, a irmã menor da noiva

Ricardão, o segundo noivo.

PRIMEIRO ACTO

Dentro da igreja estão sentados os convidados alinhadamente, com as suas vestimentas uns mais sofisticados que outros, carregam toda atenção ao altar onde se encontram o Padre e os noivos.

CENA I

Padre Gabriel, André e Antónia. Abre a bíblia o Padre Gabriel depois de saudar os convidados.

Padre Gabriel

– Caríssimos irmãos e irmãs, estamos aqui reunidos para celebrar o casamento de André Simão e Antónia Manuel...

Antónia (interrompe)

– É Nia Manuel senhor Padre.

Padre Gabriel (Indagou)

– Como assim? Antónia Manuel é outra pessoa?

Antónia

– Não senhor Padre, é que Antónia é meio informal e Nia é mais formal, se é que me entendas.

Padre Gabriel (confuso)

– Não entendi nada.

Antónia

– Esquece, pode dar continuidade.

Padre Gabriel

– Muito bem, então sem mais delongas...

Antónia (interrompe)

– Por favor, senhor padre, esquece as parte iniciais. Podes ir direto ao ponto em que diz eu aceito e ele aceita.

Padre Gabriel (Admirado)

– Está bem. Então... Antónia Manuel, ou seja, Nia Manuel. Está certo, não é? Muito bem. Continuando, aceitas casar com André Simão, podendo estar com ele na saúde e na...

Antónia (Interrompe de prontidão)

– Aceito!

Padre Gabriel

– Está bem... Parece que a menina não quer mais perder tempo. Muito bem, André Simão aceitas casar com Nia Manuel, podendo estar com ela na saúde e na doença, na pobreza e na riqueza e em todos os momentos da vossa vida até que a morte vos separe? Está tudo bem, filho?

Antónia

– Responde, amor, porque estás mudo?

Padre Gabriel (Preocupado)

– Passa-se alguma coisa? Não estás a te sentir bem, filho?

Antónia

– Amor, diga alguma coisa, estás a me deixar envergonhada em frente do padre e principalmente dos convidados.

André (Aos Gaguejos)

– Eu... Eu... Eu...

Padre Gabriel

– Ele é gago?

Antónia

– Não senhor Padre, ele não é. André, para com isso e diz logo que sim, merda! Estás a deixar-me irritada.

Padre Gabriel

– A menina tem certeza de que ele não é gago?

Antónia (Grita)

– Eu já disse que ele não é! Me desculpe senhor Padre, eu não quis...

André

– Eu não posso!

Antónia

– O que? Como assim não podes? Do que estás a falar, André?

André

– É que...

Antónia

– É que é o que? Fala homem!

CENA II

Padre Gabriel, André, Antónia e Sani. Responde Sani em voz alta depois que se levanta no meio dos convidados, não vestia-se formalmente como a maioria. Um pano amarrado na cintura, uma blusa, e em cima lenço na cabeça.

Sani

– É que ele tem outra!

Antónia (Admirada)

– O que? Quem é você?

Sani

– Sani, a mulher da vida dele e mãe dos seus três filhos. Meninos, aproximem-se.

Antónia (Exclama com a mão no peito sem forças)

– O que! Então é isso? Você tem outra mulher, e com três filhos? Como foste capaz de me fazeres isso, aí meu Deus! Não estou a sentir-me bem.

André

– Calma, Nia. Não é isso que estás a pensar.

Antónia

– Como assim não é isso que estou a pensar? Estou a ver uma mulher no meio do nosso casamento dizendo que é sua mulher com três crianças aparentemente seus e você diz que não é isso que estou a pensar? Você vai me dizer que não conheces essa mulher e nem estás crianças?

André (Aos Gaguejos)

– Quer dizer... Eu... Eu...

Antónia (Grita Nervosa)

– Para de gaguejar, não és gago e nunca foste um dia na tua vida! Ai meu Deus! Eu não estou acreditar nisso, eu não mereço isso.

André

– Nia, eu... Por favor... Eu.

Antónia

– Não me toca! Eu quero morrer.

Sani

– Já deverias fazer isso á muito tempo.

Antónia

– O que! Como se atreves a falar assim comigo, sua... Oh André, não vais falar nada?

Sani

– Ele não vai falar nada porque ele sabe. Você só estás empatar a minha vida e a dos meus filhos de terem o pai a tempo inteiro. Ainda não deste conta que ele não te ama, que só está contigo por teres essas curvinhas falsas.

Antónia

– André, fala alguma coisa! Porque se não, eu vou matar essa velha.

André

– Para com isso, Nia.

Antónia (Indignada)

– O que! Como assim para com isso? Então é tudo verdade, por isso estás assim calmo?

Sani (Grita)

– Gatuna de marido!

Antónia

– Ele é meu! Eu nunca roubei de ninguém. Você é que deveria ter vergonha, já se olhaste por completo? Suja, imunda, velha. Não sei como um jovem como ele foi pegar uma velha como você.

Sani (Dá meia volta fazendo publicidade do seu bumbum empinado aos convidados)

– Pelo menos sou uma velha com atributos naturais. Olha para mim, olhem para mim... Ele aqui comeu do bem e do melhor, não é atoa que rotou em satisfação mais de uma vez.

André

– Sani, para com isso! Para com essa pouca vergonha, e aliás, não sei porque estás aqui. Eu é você já não temos mais nada.

Antónia

– Então é mesmo tudo verdade, esses filhos são seus. Como foste capaz de me fazer isso? Eu confiei em te, abri meu coração para te e você foi me fazer isso. Como podes! Como podes?

Padre Gabriel

– Por favor, controlem-se. Estamos na casa do senhor, olha, porque não nos acalme-mos e conversemos calmamente assim como seres humanos racionais que somos?

Antónia

– Eu não quero me acalmar, me diz na cara que tudo isso é verdade. Diz!

André (Gritou)

– O que você quer que eu diga, hâm? E se eu dizer sim ou não, isso vai mudar alguma coisa?

Antónia

– És ridículo. Deverias ter vergonha pelo menos uma vez na vida. Nem sequer consegues assumir á minha frente que estás crianças são seus filhos, afinal de conta que tipo de pai és?

André

– Não diz isso.

Antónia (Lacrimejando)

– Me larga. Você não me ama, nunca me amaste. Tudo não se passou de uma mentira. Meu Deus! Não estou acreditar que está me acontecer isso.

Sani

– Por favor, pare com esse teatrinho, a mim não me convences, gatuna de marido. Todo mundo aqui está de acordo que ele não pode casar com essa falsa mulher, ele deve estar comigo, ao lado de seus filhos. O senhor padre não concorda?

Padre Gabriel (Indagado)

– Eu? Bem...

Antónia

– Não estou a me sentir bem, o bebé

André (Preocupado)

– O que! O que tem o bebé?

Sani

– Que bebé?

Antónia

– Meu bebé. Eu e o André estamos á espera de um filho. Pensaste o que? Que fosses a única aqui que sabe engravidar?

Sani

– Como podes fazer isso comigo? Sempre disseste que eu era á única. A mãe das crianças. Depois de tudo que passamos como foste capaz de engravidar essa fininha sem estética de curvas falsas, hâm? Ah! Você vai se arrepender, podes ter certeza que vais te arrepender. Não sabes com quem te meteste, eu sou a Sani e ninguém me passa por cima. Eu vou atormentar a tua vida como nunca antes, estás a ouvir bem? Serei o teu demónio dia e noite.

Padre Gabriel

– Filha, por favor vamos nos acalmar.

Sani (Nervosa)

– Não me manda se acalmar Padre e eu não sou tua filha! Escuta muito bem que vou te dizer, André... Você vai comer o pão que o Diabo amassou e o chá que ele açucarou, entendeste?

Antónia

– Não amaldiçoe o pai do meu filho, velha. Estás acabada. Retire-se daqui!

Sani

– Eu não vou sair daqui enquanto ele não terminar de pagar o dinheiro da pensão das crianças. Comece a pagar, André, ou essas crianças irão ficar aqui com você para sempre.

André

– Já chega dessa farsa, Sani! Como aguentas fazer isso? Será que não tens nenhum pingo de vergonha? Não tenho nada a pagar, e aliás, eu nunca deveria pagar nada. Mentirosa, aldrabona, golpista. Eu me arrependo de ter te conhecido, me arrependo de cada momento que estive contigo, és uma desgraça, um pesadelo, um inferno. Você e essas crianças retirem-se da minha frente.

Sani

– O que! Como assim essas crianças? Essas crianças são teus filhos.

André

– Essas crianças não são meus filhos, Sani. Eu já sei de tudo e não adianta mentir.

Sani

– Como assim já sabes de tudo? Do que estás a falar?

André

– Não se faz de estúpida. Retire-se daqui com essas trapaças e vai procurar o verdadeiro pai deles.

Sani (Aos gaguejos)

– Mas... Mas eles são...

Antónia (Abre um sorriso largo)

– Ouviste que ele disse sua velha mentirosa, e por outra, gatuna de marido aqui é você. Retira-se do meu casamento porque não és e nunca foste convidada. E por outra, este que está á caminho... É dele. É verdadeiro.

André

– Não é não.

Antónia (Admirada)

– O que? Do que estás a falar?

André

– Por favor, Nia, ou melhor dizer Antónia, estou cansado. Cansado de tudo e de todos me mentindo. Você me faz de parvo, todos vocês me fazem de parvo e realmente acham que sou parvo, mas eu não sou. Sei tudo sobre todos vocês e ninguém mais me engana. Nem sei porque estou aqui, contigo. Neste maldito altar.

Antónia

– Não estou a entender, como assim, amor? Está tudo bem? Senhor Padre faça alguma coisa, o meu noivo não está bem, ele está entrar em delírio.

André

– Não estou entrar em delírio, Antónia! Eu sei muito bem que esse filho que estás a espera não é meu.

Antónia

– É claro que é seu, de quem mais seria? Meu amor, você não está bem, olha, fica calmo. É só disseres sim no Padre e depois consumamos o casamento e por fim iremos resolver esse problema.

André

– Eu não quero me casar contigo, nunca quis. E esse filho... Você sabe muito bem quem é o pai desse filho.

Antónia (Grita aflita)

– Esse filho é teu!

André

– Esse filho não é meu, esse filho é do Paulinho! Paulinho, levanta.

CENA III

André, Antónia e Paulinho. Levanta o Paulinho as pressas, antes de falar endireita a gravata com enfeites de dinheiro que não acompanhava nem com a camisa branca, nem com a calça social preta e muito menos com o sapato castanho.

André

– Traidor!

Paulinho

– Quem? Eu?

André

– Quem mais?

Paulinho

– Que isso primo, vamos conversar.

André

– Não me chama de primo! Judas.

Paulinho

– Tudo bem eu ser chamado de traidor, mas também me comparares com o Judas aí já é demais. Eu não matei ninguém.

André

– Eu sei sobre vocês os dois, sempre soube. Pensaram o que? Que iriam fazer-me de parvo novamente? Não, isso não. Dessa vez eu não posso aceitar isso. Vocês não prestam.

Paulinho

– Que isso primo, nós somos famílias, não podes me falar assim.

André

– Cala-te!

Paulinho

– Está bem, já calei.

André

– Não simula choro, Antónia. Já não me enganas.

Antónia (Começa a chorar)

– Me perdoa, amor. Eu não quis, é que o teu primo sempre me perseguia. Eu lhe neguei varias vezes, até tentei te avisar, mas... Mas, eu fiquei com medo que soubesses, fiquei com medo da tua reação. Fiquei com medo de estragar a tua relação com ele, uma vez que são famílias.

Paulinho

– Quer dizer, perseguir já está meio exagerado, Antónia. Até porque sempre foi você que me ligava para nos encontrarmos.

Antónia (Grita)

– Cala boca, burro!

André (Com olhar de desprezo)

– Vocês dois se merecem.

Antónia

– Não, por favor, André. Olha, seu sei que errei. Nós nos encontrávamos sim, mas foram poucas vezes e por outra, o filho é mesmo teu, eu juro.

André

– Deverias ter vergonha de jurar perante a igreja, Antónia. Ele não é meu filho, e sabes porque tenho tanta certeza disso? Porque eu não faço filho! É isso mesmo que vocês ouviram. Sou estéril.

Paulinho (Admirado)

– Isso é sério, primo? És Mbaco?

André

– Isso mesmo. Não faço filho, nunca fiz e nunca farei, portanto, qualquer gatuna que vir aqui simular de que tem um, dois, três ou dez filhos meus pode tirar o cavalinho da chuva, porque aqui o deserto está seco.

Antónia

– Meu amor, eu... Eu... Não sei o que dizer.

André

– Não preciso de nenhum consolo seu, aliás, não preciso de consolo de ninguém e muito menos de pena.

CENA IV

André, Antónia, Senhor Inácio, Senhora Joana e o Paulinho. Levanta-se o senhor Inácio, barrigudo e muito bem vestido.

Senhor Inácio (Voz alta)

– Já chega! Chega dessa palhaçada, quem tu pensas que és para fazeres a minha filha passar essa vergonha? Seu inútil. Aqui ninguém mesmo tem pena de si, até porque também nunca gostei de te. E eu sou o patrocinador disso tudo aqui, portanto tenha mais respeito como te diriges á minha filha.

André

– O senhor é quem deveria ter vergonha de abrir essa boca seu velho mentiroso mulherengo, quem pensas que és para falares assim comigo digo eu. E por outra, não fui eu que te pedi para patrocinares essa desgraça de casamento, foi a tua filha. Posso não ter muito dinheiro como o senhor, mas eu consigo patrocinar um casamento.

Senhor Inácio

– Não aceito que te dirijas assim perante a minha pessoa.

André

– E vais fazer o que? Eu também nunca gostei de si, a vontade que eu tenho de querer te dar na cara até hoje nunca me passou. E aliás, fica já a saber... Aquela mininha com quem você tem mantido encontro as escondidas, dizem que tem HIV.

Senhora Joana (Assustada)

– Oh meu Deus! Isso é verdade, Inácio?

Senhor Inácio

– Estás maluco, rapaz? Do que é que estás a falar? Eu não me encontro com nenhuma menininha, eu sou um homem integro, de respeito. Respeito que essa tua cara não tem. Vamos, Joana. Vamos embora, eu cansei de estar aqui nesse lugar.

Senhora Joana

– Me larga! Eu quero saber se isso é verdade, Inácio.

Senhor Inácio

– Que verdade? Não tem nenhuma verdade nisso, ele não passa de um mentiroso.

Senhora Joana (Começa lagrimar)

– Não estou acreditar nisso, eu sempre desconfiei, mas nunca pensei que fosse real. Nunca pensei que estivesses a me trair com aquela menina.

André

– Ah, dona Joana! Para com isso, de santa também não és, ou já se esqueceste do jardineiro? Eu sei muito bem que tens dormido com ele.

Senhor Inácio

– O que! Como assim, Joana? Você tem me traído com o nosso jardineiro?

Senhora Joana

– Não! Isso não é verdade, tens razão, Inácio. Vamos embora deste lugar.

Senhor Inácio

– Eu não vou sair deste lugar enquanto não me explicares dessa pouca vergonha!

Senhora Joana

– Que pouca vergonha? Você também têm me traído, não? Então qual é o problema!

Senhor Inácio

– Mas com o nosso jardineiro, Joana? Onde foste tirar essa coragem?

Senhora Joana

– Você têm me traído a mais tempo e nunca reclamei de nada, portanto, não vem com essa conversa. Tens é sorte que te trai com o jardineiro, pós deveria te trair com o teu colega de serviço.

Senhor Inácio

– Não ouses falar assim comigo, Joana. Me respeites!

Senhora Joana

– O respeito você acabou de perder desde o momento que te meteste com uma menina que tem a idade de ser sua filha.

Antónia (Grita)

– Já chega! Parem com essa pouca vergonha. Estamos no meio de uma igreja, será que vocês não conseguem ver isso? Eu não estou acreditar que isto está me acontecer. Logo no dia do meu casamento, é inacreditável.

André

– Não adianta começares a chorar, não te fica bem essa falsidade.

Antónia

– O que você quer comigo? Já não chega essa pouca vergonha que aconteceu? Me diz, será que não tens coração? Achas que isso que aconteceu é pouco?

André

– Em relação a tudo que você me fez, é pouco sim. Eu ainda não acabei. Hoje será o dia em que irás afundar e ninguém conseguirá te socorrer, nem teu pai, nem tua mãe, nem tua irmã e muito menos o pimpão do pai do teu filho.

Paulinho

– Que isso primo, estás a me ofender.

André

– Cala-te!

Paulinho

– Está bem. Meu Deus! Não falo mais nada.

CENA V

André, Padre Gabriel, Dona Minga e Policial Beto. Levanta-se a Dona Minga exausta.

Dona Minga

– Meu filho, por favor, para com isso. Já sabemos das verdades, mas agora se não haverá casamento, então vamos embora.

André

– Mãe, não te metas, ou pensas que também não sei dos podres que fizeste contra mim e meu pai. Coitado dele, morreu de desgosto por tua causa. Deverias ter vergonha de arranjar outro homem, aliás, bem feita, pós não passa de um estrume.

Policial Beto

– Hei, podes até querer faltar com respeito em tudo mundo aqui, mas comigo não, entendeste? Tudo não me conheces, miúdo.

André

– Cala-te! Quem é você para falares assim comigo, estrume! É isso que tu és, um estrume. Vais fazer o que? Só porque és policial achas que me amedrontas? Eu sei de todas tuas fanfarrices que fazes quando estás de serviço. Tenho certeza de que se teu chefe soubesse das tuas péssimas obras já estarias no olho da rua.

Policial Beto

– Não sabes de nada, miúdo. E olha como te diriges comigo, eu sou uma autoridade, posso prender-te agora mesmo e passares um bons longos meses na cadeia.

André

– Tenta fazeres isso e verás quem é que irá passar longos meses na cadeia, aliás, meses não. Anos!

Policial Beto

– Estás a desafiar-me?

André

– Achei que já tivesses dado conta disso.

Policial Beto (Depois de alguns segundos de fúria entre os dois)

– Cansei-me dessa palhaçada, eu vou embora.

André

– Ninguém vai sair do meu casamento sem a minha autorização, portanto, pode voltar a colocar a bunda na cadeira porque eu não te mandei vires cá.

Policial Beto

– Estás a provocar-me. Isso não vai acabar bem, pelo menos, não do seu lado.

André

– Estou louco para ver isso.

Padre Gabriel

– Bem... Filho, acho que o que se passou aqui na casa do senhor já foi mais do que suficiente para nos envergonharmos, portanto... A minha sugestão é, vão para casa e tentem conversar e depois quando tudo estiver bem, regressem caso ainda decidirem casar, o que achas?

André

– Com todo respeito senhor Padre, não te metas. Aqui ninguém é santo e muito menos o senhor.

CENA VI

André, Antónia, Paulinho, Senhor Inácio e a Senhora Joana. André faz um suspiro fundo em sinal de cansaço.

André

– Olha, no fundo, bem no fundo realmente quis casar contigo, esquecer tudo que você fez, assumir esse bebé, enfim... Tapar os meus olhos e fingir de que não tinha acontecido, mas aí depois que o padre fez-me a pergunta, a realidade nua e crua tomou meus olhos e não deu. Você não é a pessoa dos meus sonhos e nunca foste.

Antónia

– Como assim, André? E os nossos dois anos de namoro, isso não conta? Eu sei que não deveria ter feito o que fiz, mas eu realmente te amo e sempre te amarei. Além disso, eu não sou a única traidora aqui no meio, você também me traiu com aquela velha de três filhos falsos.

André

– Eu nunca te trai com ela, antes de te conhecer nós já havíamos terminado. Ela só me persegue até hoje por causa do dinheiro. E eu dava-lhe por pena.

Paulinho (Se intromete)

- Possas, primo! Gastavas mesmo só assim dinheiro atoa sabendo que os filhos não eram seus? Poderias me oferecer, eu que sou do teu sangue verdadeiro.

André

– O dinheiro que Antónia te dava quando lhe pedias quem achas que lhe dava?

Paulinho

– Faz sentido. Me desculpe.

Antónia

– Me perdoa já, amor. Vamos esquecer isso. Tudo isso não se passa de uma confusão que pode ser ultrapassada.

André

– Deverias ter pensado isso muito antes de teres me feito de parvo.

Senhor Inácio (Levanta Nervoso)

– Quer saber, já chega! Para mim já chega, és um parvo, um corno, um idiota, um maluco e mais um tanto de coisas, agora nos fazer perder tempo a ouvir isso está demais. Eu vou me embora e você não fará nada para me impedir.

André

– Tens certeza que queres mesmo sair? Porque a tua história ainda não acabou na menininha do bairro.

Senhor Inácio

– Como assim? O que queres dizer com isso?

André

– Não se faz de desentendido, senhor Inácio. Além dela, eu sei que o senhor também tem dormido com a dona Teresa, e você dona Teresa pode tirar esse olhar de pasmo que eu sei muito bem que andam juntinhos.

Senhora Joana

– O que! Também andas a trair-me com a minha irmã, Inácio? Seu desgraçado mentiroso. E você Teresa, não tens vergonha? O homem que tens aí ao lado não te chega, traidora.

CENA VII

Senhor Inácio, Senhora Joana, Dona Teresa, Paulinho e Antónia. Dona Teresa levanta as pressas em defesa com ar de rabugenta e que não aceita desaforo.

Dona Teresa

– Não aceito que fales assim de mim em frente do meu marido, Joana. Até porque você também é outra traidora.

Senhora Joana

– Mas eu pelo menos não estou a dormir com teu homem.

Dona Teresa

– Não estás a dormir com o meu homem porque ele prefere melhores carnes, ou pensas que o teu marido está vir aqui fazer o que? É porque é bom, é apetitoso, é saboroso.

Senhora Joana

– Você merece umas bofetadas! É uma pena que teu marido seja surdo, pós se ouvisse dessas tuas poucas vergonhas já iria te meter no olho da rua igual uma vagabunda que tu és.

Dona Teresa

– Ah, ah, ah, ah! Não me faças rir, Joaninha. É dor de cotovelo? Está a te doer? Então chora.

Senhor Inácio (Intromete-se)

– Já chega! Vocês são irmãs pelo amor de Deus, e são adultas. Tenham um pingo de vergonha na cara, não veem que esse lugar não é para esse tipo de baixaria.

Senhora Joana

– Baixaria é o que você fez, Inácio. És baixo, tão baixo que deverias ser comparado a um rato de esgoto. E quer saber... Antes que saibam por outra pessoa, eu além de dormir com o jardineiro também dormi com o Paulinho. É isso mesmo! Podem me olhar com estes olhares estranhos, eu dormi com ele e pronto.

Antónia (Admira e sem forças)

– Paulinho, é verdade isso?

Paulinho (Gaguejava)

– Quer dizer... Aconteceu, mas não foram muitas vezes, ou seja, o dinheiro que você me dava não chegava e a tua mãe... Você sabe.

Antónia

– Eu deveria te matar agora mesmo seu cão!

Paulinho

– Fica calma, olha a saúde do bebé.

Antónia

– Não me diz para ficar calma, desgraçado! E você me larga! Mãe, como foste capaz disso?

Senhora Joana

– Filha... Olha, foi um erro. Eu não queria, eu juro que não queria, mas o teu pai me fez chegar até este ponto. Durante muitos anos o teu pai me fez de gato e sapato, traiu-me de qualquer maneira, não me respeitava, e eu... Bem, eu cansei-me. Cansei-me de tudo e de todas suas malandrices e aí pensei porque não fazer o mesmo, se ele pode então também posso, afinal tanto o boi como a vaca sentem a mesma fome, não é isso? E na primeira oportunidade que me apareceu eu não pensei duas vezes, trai-lhe mesmo com o jardineiro e mais tarde com o Paulinho. Com o Paulinho até foi meio complicado porque eu sabia que você estava com ele e ao mesmo tempo com André, mas eu gostei do charme do miúdo e da forma que ele me encarava com aquele olhar fogoso, aí meu Deus!

Senhor Inácio

– Que pouca vergonha é essa, Joana? Para com isso!

Senhora Joana

– Pouca vergonha nada, e eu não vou parar porque estou cansada de ser sempre a coitada, a que apanha sem revidar, dessa vez eu não me calo. Eu não me calo mesmo, ouviste bem senhor Inácio Manuel!

Senhor Inácio

– Para com isso, Joana! Já chega, por favor. Todo mundo já sabe que és a coitada que deu o troco, estás feliz? Meus parabéns.

Senhora Joana

– Estou feliz mesmo! E saiba de uma coisa, eu quero o divórcio.

Senhor Inácio

– O que? Como assim? Do que estás a falar, mulher?

Senhora Joana

– Ouviste muito bem, eu quero o divórcio. Estou cansada, cansada de ti e de todos. Eu quero viver a minha vida livre que nem os passarinho, voando de lá e pra cá. Senhor Padre, eu quero divorciar-me agora.

CENA VIII

Senhor Inácio, Senhora Joana, Padre Gabriel, Antónia, André, Sani e Policial Beto.

Padre Gabriel

– Mas... Filha, o que Deus uniu ninguém pode desunir, e além disso a igreja não é apoiante deste acto. O meu conselho é que deveriam conversar melhor, e tentarem restabelecer a paz que existia no vosso lar.

Senhor Inácio

– Viu! Ouviste o que o Santo Padre disse.

Senhora Joana

– Acho que o Santo Padre está enganado, nunca ouve paz e não é agora que terá. Eu quero o divórcio, Inácio.

Antónia

– Mas mãe, pai vocês não podem fazer isso. Como fica eu e a Ana?

Senhora Joana

– Vocês já são adultas o suficiente para seguirem suas vidas.

Antónia

– Estás feliz? Olha o que você provocou.

André

– Eu? Deverias ter vergonha de dizer isso, o casamento dos teus pais já faleceu faz tempo. Com esse jogo de cornos e chifres, achas que ainda existia aí alguma coisa de especial? Ah! Tenha vergonha nessa tua cara, Antónia.

Antónia

– Quer saber... Eu cansei! Eu cansei de tudo isso. Estou cansada de estar aqui a chorar por algo que não vai mesmo dar em nada, e já que é para se falar todos os podres, então eu também tenho alguns podres para confessar e desconfessar. Isso mesmo! Para começar, Andrezinho, eu nunca gostei de ti. Você é fraco, mole, chorão e não sabes ser homem, teu primo é muito mais homem que você por isso te trai com ele. Ele sim sabe ser homem, sabe como mexer com a estrutura de uma mulher, e eu gostei. Gostei muito de te traír, seu corno! E ainda bem que não vai ter casamento, porque assim eu estarei livre e não poderei aturar as tuas molezas, pós nenhuma mulher aceitaria estar com um homem igual você.

Sani (Intromete-se)

– Eu aceitaria!

Antónia

– Cala a boca! Aliás, como é que você ainda está aqui, velha?

Sani

– Cala boca você, e tenha mais respeito quando falas comigo, menininha! André, meu amor, sai dai e vamos embora. Este lugar, estás pessoas, elas não te merecem. Eu sei que errei muito, me perdoa já chuchuzinho. Eu também te perdoo pelas coisas que me falaste, eu não guardo mágoas. Deixa essa criança aí e vem meu coraçãozinho.

Senhor Inácio

– Senhora, não aceito que fales assim da minha filha. Tenha mais respeito você. A única que nem sequer deveria estar aqui é você.

Sani

– Cala essa tua boca, velho bandido sem carácter comedor de crianças. Deverias ir preso, aliás, o senhor aí não é policial? Porque não prende este velho pedófilo.

Policial Beto

– Não é bem assim como funciona senhora.

Sani

– Não é bem assim como? Também és outro igual ele. Cambadas de bandidos!

Policial Beto

– Olha como falas de mim senhora, eu sou a autoridade aqui.

Sani

– Autoridade? Não me faças rir. Não passas de um fantoche!

Policial Beto

– Eu vou prender a senhora, não brinca comigo!

Sani

– Se você é homem de verdade, experimenta!

CENA IX

Antónia, Paulinho, Ana, Senhor Inácio, Senhora Joana e Sani. Antónia grita alto sem mais paciência.

Antónia

– Já chega! Estou cansada. Paulinho, vem tirar-me deste altar e vamos embora.

Paulinho (Indaga)

– Como assim? Ir embora aonde?

Antónia

– Não sei, só vem tirar-me daqui.

Paulinho

– Tás maluca, dama? Tudo bem que estás a espera de um filho meu e tal, mas o combinado nunca foi eu assumir essa criança, sempre dissesse que deitarias a culpa no corno do meu primo. Portanto, se pensas que eu vou te levar em algum lugar podes esquecer, eu também tenho meus problemas.

Antónia

– O único teu problema é sou eu, seu idiota infantil!

Paulinho

– Não me chama de infantil, você arranjou esse problema, então se aguenta.

Senhor Inácio (Intromete-se)

– Hei, seu cão! Estás a dizer que não vais assumir a criança?

Paulinho

– Com todo respeito senhor, não me chama de cão, porque se nos revermos bem aqui o pior cão é o senhor.

Senhor Inácio (Fica furioso)

– Eu vou te partir a cara, desgraçado. Me larguem, merda! Não basta teres se aproveitado da minha mulher ainda engravidaste a minha filha e agora não queres assumir? Estás a brincar com a minha cara por acaso? É melhor teres muito cuidado, rapaz, tu não sabes quem eu sou. Eu posso mandar-te prender e nunca mais saíres das grades.

Paulinho

– O senhor acha que tenho medo das tuas ameaças? Ah, ah, ah, ah... Pago para ver. E por outra, eu também estou cansado, cansado de me usarem como objeto sexual da tua família. Vocês já me usaram demais. Portanto, a partir de hoje eu estou fora. Fora de tudo. Não quero mais nada com nenhuma de vocês, e nem com você, Ana.

Senhor Inácio (Leva a mão no peito admirado, sem forças)

– O que! Ana, filha, o que ele queria dizer com aquilo?

Ana (Levanta com medo)

– Pai, eu não sei do que ele está a falar.

Senhor Inácio

– Como assim não sabes do que ele está a falar, menina? O que você fez com a minha filha, desgraçado de merda?

Sani (Levanta)

– Isso está mais claro que água, a tua filhinha tem dormido com ele.

Senhor Inácio

– Áí meu Deus! Áí meu coração. Eu não vou aguentar. Não estou me sentindo bem.

Ana

– Papi, não morre.

Senhor Inácio

– Você vai me matar, vocês querem me matar. Como foste capaz disso, filha? Você que é o meu anjo confiável, como foste se meter nisso? Com esse vagabundo inútil.

Sani

– Os anjos também fazem sexo, vovó.

Antónia

– Como foste capaz disso, Paulinho? Até com a minha irmãzinha? Afinal que tipo de pessoa é você?

Paulinho

– O que posso dizer? A tua irmã morreu no meu esqueleto, o que achas que deveria fazer? Além disso, eu juntei o útil, o agradável e o apreciável.

Senhor Inácio (Fica Nervoso)

– Você dormiu com as três mulheres da minha vida, desgraçado, porco, inútil! Eu deveria te matar. Você não vai dizer nada, Joana?

Senhora Joana

– O que posso dizer, Inácio? A nossa família não é perfeita e nunca foi. E a nossa filhinha... Eu sempre te avisei que de santa não tinha nada, você é que nunca quis me dar ouvidos, estavas demasiado cego. Eu só fico triste por ela ter se metido com o Paulinho.

Senhor Inácio

– Você que é a mãe deverias controla-la.

Senhora Joana

– Se eu não controlo a minha vida, vou controlar a vida das minhas filhas porque? Além disso, nenhuma delas é mais criança ou já se esqueceste disso?

Senhor Inácio

– Aí meu Deus! Aí meu coração.

CENA X

Antónia, André, Policial Beto, Dona Minga. Antónia grita depois de ver o pai em agonia.

Antónia

– Olha só o que provocaste! Agora estás satisfeito? Estás feliz com tudo isso?

André

– Para falar a verdade... Estou. Estou mesmo! E olha que estou saborear a cada revelação vergonhosa de todos vocês, embora que já soubesse.

Policial Beto (Levanta sem paciência)

– Chega! Eu cansei. Eu não fico mais um minuto aqui. E você, André, tenha um pouco de juízo e vai para a puta que o pariu.

Dona Minga (Levanta nervosa)

– O que? Estás a chamar-me de puta? Quem você pensa que és? Só porque és policial achas que deves falar o quiseres? Não brinca comigo, Beto. Vou te partir a cara.

Policial Beto

– Olha como tu falas comigo, Minga! Não grita. Eu sou a autoridade.

André (Intromete-se)

– Hei, desgraçado! Não grita com a minha mãe assim.

Policial Beto

– E o que vais fazer, corno?

André

– Eu vou te partir a cara.

Policial Beto

– Tenta descer deste altar e veremos quem vai partir a cara de quem.

CENA XI

André, Dona Minga, Padre Gabriel, Antónia e Policial Beto. Policial Beto tira uma arma da cintura e deixa todo mundo assustado, aponta para André.

Policial Beto

– Agora abre mais a boca para falares, hâm?... Estás mudo porque? O gato comeu-te a língua? Fala mais, corno.

Dona Minga

– Se você matar o meu filho eu te mato também.

Policial Beto

– Cala a boca! Eu estou farto desse joguinho. Estou farto de ti e do teu filho. Uma coisa ele tem razão... Como fui ficar contigo? Não sei o que vi em ti, és louca, demente. Deverias procurar um hospício para se internares e de lá nunca mais saíres. Afinal, ninguém tem paciência para te aturar.

André

– Não fala assim dela, desgraçado!

Policial Beto

– Não é isso que querias? Que as pessoas soubessem os podres um dos outros? Então qual é o problema se souberem que a tua mãe é louca, não bate da cabeça e que o teu pai se matou por causa dos ciúmes dela doentio, sem esquecer que durante a infância apanhaste muito dela, hâm? Conta para todos, corno.

André

– Covarde! Baixa essa arma e vamos ver se ainda terás tanta boca assim.

Policial Beto

– Não... Eu gosto de pistola. Não vou gastar minhas energias contigo, a minha pistolinha irá resolver isso rapidamente.

Padre Gabriel (Intromete-se)

– Aqui estamos na casa do senhor, por favor meus filhos, vamos ter calma.

Policial Beto

– Cala-te!

André

– Eu vou vir aí e vou te mostrar que não tenho medo.

Antónia

– André, o que estás a fazer? Ele vai te matar, não sejas estúpido pelo menos uma vez na vida.

André

– Não me vem com essa conversa de preocupação, porque sei muito bem que nunca te preocupaste com a minha pessoa.

Antónia

– O facto de não preocupar-se contigo não quer dizer que queira ver-te morto, burro!

André

– Vai á merda, Antónia!

Antónia

– Vai á merda você, espero que ele te mata. Ainda bem que não és o pai do meu filho, assim ele não vai crescer como órfão.

Policial Beto

– Vocês me dão graça. Então, Andrezinho, vens ou não? Ou preferes seguir o conselho da mocinha que te aplicou chifres sem nenhum arrependimento?

André

– Eu vou te mostrar que tenho mais bolas que você, desgraçado.

Policial Beto (Sorri ironicamente)

– Oh! Afinal tens bolas? Com todos estes chifres achei que não tivesses nenhum. Para aí! Não se aproxime mais.

André

– Porque não mais um pouco? Agora que estou aqui, porque não me mata?

Policial Beto

– Eu vou te matar, corno!

André

– Estou á espera. Puxa o gatilho, estrume.

Policial Beto (Grita alto)

– Não brinca comigo, corno!

André (Grita mais alto ainda)

– Puxa, estrume!

CENA XII

André, Policial Beto, Paulinho, Padre Gabriel, Dona Minga, Antónia, Senhor Inácio. Policial Beto, Puxa o gatilho da arma e nenhuma bala saí de lá, e rapidamente André dá um soco no rosto do policial Beto.

Policial Beto (Resmunga de dor)

– Merda! Partiste o meu nariz, corno.

André

– Eu te avisei, estrume. Agora põem o rabo nessa cadeira e não quero mais te ver levantar, entendeu?

Policial Beto (Senta aos gemidos de dor)

– Sim... Sim.. Sim. Aí meu Deus, meu nariz! Eu não entendendo. Como... Como é possível a minha arma não ter disparado?

André

– Você achou mesmo que iria te deixar entrar no meu casamento com uma arma carregada? Todos vocês estão no meu barco e eu sou o capitão, portanto ninguém aqui poderá se armar em mais espertinho que eu.

Paulinho (Interrompe)

– Desculpa interromper, priminho, mas isso não me parece muito heróico da tua parte, até porque você já sabia que a arma estava descarregada, portanto... Enfim, melhor calar. Pode continuar.

Dona Minga (Levanta-se)

– Senhor padre, eu quero divorciar-me.

Padre Gabriel

– Mas... Eu já disse antes, aqui não é o lugar ideal para divórcios. E também disse que o que Deus uniu ninguém pode sepa...

Dona Minga (Interrompe-o)

– Este Demónio quase matou o meu filho, falou coisas horríveis sobre mim, e o senhor acha que ainda deveria continuar com ele? Eu tenho certeza que nem Deus aprovaria isso, Santo Padre.

Padre Gabriel

– Está bem, está bem! Se quiserem divorciar-se, divorciem-se. Vocês é que sabem.

André

– Alguém mais quer falar?... Muito bem, eu tenho algo para vos confessar.

Antónia (Admirada)

– O que! Mais?

Senhor Inácio

– Quem mais fez merda? Tudo o que aconteceu aqui não foi mais do que suficiente?

André

– Calem-se! E me oiçam. Eu não sou o que vocês pensam que sou.

CENA XIII

André, Paulinho, Sani e Antónia. Levanta o Paulinho depois das palavras do André que deixou todos confusos.

Paulinho

– Como assim priminho? És um Extra Terrestre?

Sani (Levanta)

– Deixem o meu amor falar.

André

– Tudo que me fez chegar até aqui foi por causa do que irei vos contar, porque eu estou cansado. Cansado de ser o que não sou, cansado de viver outra vida, cansado de amar quem não deveria amar. O que falarei para vocês não é para vossa compreensão e também não espero que compreendam, apenas que oiçam, vejam e depois que cada um cuide da sua vida como ela é. Porque a vida é assim, cada um deve cuidar da sua.

Antónia (Preocupada)

– Como assim, André? Do que estás a falar? Não consigo entender.

André

– Antónia, pode descer deste altar porque aqui não é teu lugar, esse lugar pertence a outra pessoa.

Antónia

– O que! Como assim? Você tem outra pessoa?

André

– Sempre teve, Antónia.

Antónia

– Aí meu Deus! Acho que não estou a me sentir bem.

André

– Pode parar, Antónia. Por favor, para com essa falsidade. Paulinho, vem buscar esse teu entulho.

Antónia

– O que! Estás a me chamar de Entulho? Quem é ela? Quem é a mulher com quem você tem me traído esse tempo todo?

André

– Não é nenhuma mulher. É um homem. Pessoal, eu sou Gay. E eu apresento-vos o meu noivo, Ricardão.

Antónia (Exclama e desmaia)

– O que!

CENA XIV

André, Paulinho, Senhor Inácio, Ricardão e Padre Gabriel. Levanta-se o Senhor Inácio irritado depois de ver o Ricardão caminhar até ao altar, grande assim como seu nome.

Senhor Inácio

– Que barbaridade é essa? Vocês enlouqueceram? Afinal de contas o que é isso? Paulinho, vai tirar minha filha dessa vergonha. Joana, Ana, levantem, vamos embora.

Paulinho

– Priminho, seres um corno Mbaco até admite-se, mas Gay? Aí já é demais. Na nossa família não tem essas coisas.

André

– Eu não preciso da vossa aprovação, não preciso da aprovação de ninguém, como eu disse... Eu cansei de esconder quem sou. Este é o meu eu de verdade, este é quem sou. Portanto, aceitem-me do jeito que sou ou retirem, por favor. Senhor padre, case-nos.

Padre Gabriel

– O que? Como assim casar-vos, filho? Eu não posso, a igreja não aceita esse tipo de casamento. É uma blasfémia contra o senhor.

André

– Senhor Padre, não estou a fazer um pedido.

Padre Gabriel

– Mas eu não posso, filho. É uma injúria. Um desacato a ordem do Senhor. Uma desordem!

Ricardão

– André, não adianta. O casamento não significa nada. Olhe para eles... Todos juraram amor um com outro no altar e olha como estão... Não é o casamento que faz as pessoas amarem-se e respeitarem-se, é o carácter. Nós não precisamos disso. Vamos embora.

Fim!